

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO IMAGINÁRIO DE DIREITOS DA PAIXÃO
SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR.**

**LA EXPERIENCIA ESTÉTICA EN EL IMAGINARIO DERECHOS EN LA
PASIÓN SEGÚN G.H. DE CLARICE LISPECTOR.**

Míriam Coutinho de Faria Alves.

RESUMO

Este artigo visa estabelecer uma reflexão sobre o imaginário de direitos na estética literária de Clarice Lispector na obra *A paixão segundo G.H.* No texto de Clarice, o confronto entre o animal e o humano possibilita através do universo simbólico da personagem G.H a experiência do sentido. Nesse contexto, G.H problematiza a ordem, vivência a paixão e cria um cenário privilegiado sobre o qual o leitor participa na experiência estética sobre o desejo e o habitar da linguagem. Dentro desse contexto, o viés hermenêutico é tomado como referência para compreender as relações entre direito, e literatura, desvendando o imaginário de direitos na construção da narrativa clariceana.

Palavras-Chave: Imaginário de direitos; estética literária; hermenêutica.

RESUMEN:

El presente artículo tiene por objetivo reflexionar sobre el imaginario de derechos en la narrativa de *La pasión según G.H.* de Clarice Lispector. Desde el texto de Clarice, el confronto entre el animal y lo humano posibilita a través del universo simbólico del personaje G.H. la experiencia del sentido. Dentro de este contexto, G.H problematiza el orden y crea un escenario privilegiado de la experiencia estética sobre el deseo y el habitar en el lenguaje. Dentro de este contexto, el viés hermenéutico se revela como referencia para comprender las relaciones entre derecho y literatura, desvendando el imaginario de derechos en la construcción de la narrativa clariceana.

Palabras-clave: imaginario de derechos; estética literaria; hermenéutica.

SUMÁRIO:1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS2. O ENRAIZAMENTO E A AUTENTICIDADE3.A FUSÃO DE HORIZONTES NA DIMENSÃO SIMBÓLICA ENTRE O ANIMAL E O HUMANO 4. OLHAR OBLÍQUO DO INSETO: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.5.CONCLUSÃO 6. REFERÊNCIAS.

1.CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Este artigo visa estabelecer uma reflexão sobre o imaginário de direitos na estética literária de Clarice Lispector na obra *A paixão segundo G.H.* A PSGH¹ trata-se de um monólogo em que a personagem central G.H. buscando o sentido da vida decide realizar uma tarefa cotidiana: arrumar a casa. Nesse percurso, a personagem inicia a tarefa pelo quarto da empregada, espanta-se por encontrar um ambiente limpo, depara-se com um inseto (barata) que lhe provoca sentimentos de repúdio, angústia e náuseas, e cujo desejo de matar o inseto (a barata) e vivenciar o grotesco a leva à transgressão da ordem habitual das coisas. Depois de uma série de imaginações, sobre águas, desertos e outras imagens, G.H. vai aos poucos questionando o sentido das coisas numa experiência singular da condição feminina, relembra um aborto, o amor, memórias, reinterpreta a sua existência e questiona o significado de habitar na linguagem.

A expressão “pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano..” (PSGH,1988,p84) está pontuada na narrativa quando a personagem GH após deparar-se com um sensaçãoes que o enfrentamento com o inseto (a barata) lhe provoca, vai a partir da visão e da dimensão simbólica do grotesco, apropriar-se do desejo de devorar a barata e toda uma condição simbólica que surge em meio ao processo de compreensão do sentido da experiência de vivenciar o pathos. Nessa trajetória, a questão imaginária do direito advém da atitude hermenêutica de problematizar a ordem, realizar o desejo de matar (o inseto), finalizar a angústia projetada na existência pela aparição do inseto (ou na negação da ordem).

O surgimento do inseto como função de deslocamento da angústia e manifestação da violência se revela como algo que olha e desafia a ordem por dentro, questiona o cuidado e provoca o desejo de provar da essência. No enfrentamento desse desejo, GH nos traz, a dimensão da autenticidade como liame entre a estética literária e a hermenêutica jurídica.

¹ Será utilizada a sigla PSGH para *A Paixão segundo G.H.*

A paixão da narrativa aponta o indizível dos fatos e o inatingível da alma humana, atesta o não-humano, o animal numa ânsia de proximidade da qual a personagem já parece ser parte ou está excessivamente na sua origem mais próxima. Assim G.H. indica “sou mais aquilo que em mim não é.” (PSGH,1988:123).Essas observações fazem parte das relações implícitas entre o imaginário literário e o direito.No dizer de Ost

Pode-se ver que essas observações nos põem no caminho de uma compreensão dialética das relações direito-literatura- uma dialética que, como convém, atravessa cada um dos polos opostos.Em vez de um diálogo de surdos entre um direito codificado,instituído e instalado em sua racionalidade e efetividade, e uma literatura rebelde a toda convenção, ciosa de sua ficcionalidade e de sua liberdade, o que está em jogo são empréstimos recíprocos e trocas simbólicas.” (OST,2005,p.23)

Na compreensão dos imaginários, a narrativa joga um papel fundamental como artefato originário de onde o direito e seu saber poético circula, o direito é quase sempre o retorno à narrativa originária da sociedade (OST,2005,p.25).Esse enraizamento originário demonstra trajetórias paradoxais entre direito e literatura.O espaço literário do ponto de vista estético ganha através da personagem clariceana a voz de uma mulher que expõe a in-diferença na procura da id-entidade.O leitor, ou o outro simbólico surge com a mão invisível da qual a personagem pede auxílio e manifesta o pensamento exterior (LEVY,2010,p.2) como um recalque convertido aparece “o outro” simbólico cujo olhar ressurgem numa “ cara sem contorno” (PSGH,1998,p.55).

2.O ENRAIZAMENTO E A AUTENTICIDADE.

O estranhamento com um inseto que é familiar ao ambiente doméstico (a barata) e o temor que a transgressão causa à ordem reestrutura a forma da linguagem quando G.H dá conta do vazio como experiência estética da linguagem.Ao fim do romance adorar é a expressão que encerra o texto (seguido de travessões) que se experimenta durante todo o enredo de vivência da paixão.

Para investigar a experiência do ponto de vista estético primeiramente analisando à forma que os objetos adquirem e de modo específico manifestando a relação da personagem com o mundo.A experiência estética confirma a abertura que a linguagem e a apropriação de sentido nos possibilita ao passo que nos torna mais aptos

para outros níveis de abordagem do conhecimento. A estética literária em relação com a hermenêutica pode ser pensada a partir das seguintes dimensões: a compreensão da criação estética na narrativa, a apreensão e a comunicação ou recepção social do caráter estético.

Por certo que o sentimento estético nos leva à compreensão sociológica manifesta na narrativa literária interagindo com o imaginário de direitos presentes no texto. A experiência estética, na perspectiva de Gadamer (2003p.243), é um tipo da experiência hermenêutica em que sentido da literatura como obra de arte dialoga autenticamente com a experiência que se dá em meio a um conjunto de elementos inerentes ao mundo da vida. Jauss propõe o sentimento como aspecto central dessa experiência que possibilita compreender as vias emancipatórias da identidade (s) a partir do reconhecimento do estranho, da apreciação sobre as formas de estar no mundo e do reconhecimento das expectativas. Essa estética literária pragmática propõe rupturas a antiga tradição metafísica do belo, promove uma forma interativa do cotidiano a partir da recepção atualizando na linguagem as produções de sentido. Neste aspecto, a hermenêutica jurídica dialoga com a estética literária ao refletir sobre a criação e o sentido comunicacional do direito.

A estética literária serve, portanto, como elemento crítico da função imaginária. Claro está que

la experiencia estética no es una experiencia del mundo sino que, en primera instancia, se libera de él, tanto en relación a su significado como a su dinámica en la vida práctica, moral y religiosa; esta relación se realiza como condición para construir un mundo de ficción.” (JAUSS, 2005, p.45)

Esse processo de construção da arquitetura imaginária do direito perante a estética literária se vincula ao prazer estético associado à criação da obra de arte. Os aspectos produtivo, receptivo e comunicativo através dos conceitos de poiesis, aisthesis e katharsis, estabelece funções estéticas da vivência e anuncia a influência da experiência estética sobre outros tipos de práxis, e em nesse sentido, percebemos à sua aplicação quanto ao saber poético do direito.

3.A FUSÃO DE HORIZONTES NA DIMENSÃO SIMBÓLICA ENTRE O ANIMAL E O HUMANO.

A hermenêutica como instrumento para a percepção dos imaginários nos conduz ao horizonte de expectativas ou a fusão de horizontes seguindo a perspectiva de Gadamer em que a experiência da estética literária transparece no processo hermenêutico de abertura de horizontes interpretativos. O texto de Clarice manifesta uma possível resposta ao aspecto mimético da compreensão e até mesmo se considerarmos que é a possibilidade pré-reflexiva o que ela nos intui. Nesse aspecto, a narrativa que se direciona a objetos estéticos leva ao direito uma maneira renovada de olhar/ refletir sobre as coisas, objetos próprios da sua reflexão e influência no contexto intersubjetivo.

A visibilidade dada ao personagem GH, a variabilidade dos significados dessa aparição do anterior ao humano depende ao certo da perspectiva interpretativa, levando em consideração as diversidades e as pluralidades da qual o olhar do leitor pode direcionar à personagem. O sentido da vida é compreendido a partir da relação que o homem tem com as coisas, ele está nessa relação, e, portanto, habitar no mundo de forma autêntica seria repensar a forma instituinte dos imaginários de direitos. A experiência sobre as questões identitárias da personagem revela-se na tarefa cotidiana e se relaciona com o desvendamento da própria existência.

Em a PSGH, os pequenos detalhes figuram para Clarice o enlace fundamental no encadeamento da lógica paradoxal para o sentido (cotidiano) das coisas. Todorov (2006,p.53) pontua esse processo que marca a estrutura da narrativa literária; a passagem de um estado inicial para outro na obra literária. No início da narrativa, a personagem G.H parece dar uma resposta a um anterior questionamento sobre o sentido da vida, questionamento que possivelmente Clarice dimensiona em outra obra *Perto do coração selvagem*. Nesse sentido, o texto inicia-se intuindo ao leitor a resposta de um questionamento anterior sobre o qual G.H responde: “estou procurando... estou procurando..”. Também Barthes (2004,p.175), ao tratar sobre o esquema conceitual da narrativa compreende a passagem de um estágio a outro. A questão da autenticidade identifica-se como um pressuposto para a estruturação dos sentido que se mescla com a vivência da personagem no delinear do imaginário de direitos. A hermenêutica jurídica e a estética literária interagem em um questionamento que pertence à própria autora Clarice e que com efeito a narrativa começa numa decisão tomada pela procura do sentido: a chegada da personagem ao quarto configura a entrada à um cenário (espaço) que configura o maior desejo da personagem: vivenciar a autenticidade da paixão, habitar na linguagem.

No processo de produção de sentido a personagem surge de forma autêntica e partindo da ideia hermenêutica da procura conduz o leitor (a) nesse processo dialógico que diz respeito a uma esperança revelada e a uma alegria conquistada. A sucessão de condutas, o retorno a rotina, o cotidiano, a força perturbadora da não-compreensão “pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano. A barata serve como metáfora que conduz o leitor ao sentido inconsciente e a plenitude do texto só poderá ser alcançada a partir da relação com o inseto numa situação extrema onde a dimensão corporal e o sentido se revelam como a representação do inconsciente trans-individual. Nesse sentido, observamos o que postula Guerra Filho (2011, p.29).

Por outro lado, é bom lembrarmos que, se o inconsciente não é coletivo, tampouco é individual, mas sim ‘transindividual’, enquanto constituído por um Outro, efeito sobre o sujeito de uma ordem simbólica, que o antecede e transcende, por estar no começo, tanto da espécie (filogênese), como de cada indivíduo (ontogênese).

A consciência da personagem sobre a qual à narrativa encontra-se vinculada exerce uma mediação simbólica onde os imaginários de direitos fluem por que não se pode ignorar as pontes das relações que a literatura exerce sobre a produção imaginária dos direitos. Então, o real é questionado pelo evento literário. A postura crítica da narrativa clariceana torna-se evidente, o justo é investigado como se fossem portas que se abrem para o nada. G.H se dirige ao imaginário e exige compreender o nada e por convicção íntima pensa o cotidiano contra ela mesma, reivindica o direito fundamental “a hora de viver” encostando a boca na matéria da vida.

A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então eu jogaria no quarto vazios baldes e baldes de água que o ar duro sorveria, e finalmente enlamearia a poeira até que nascesse umidade naquele deserto, destruindo o minarete que sobranceava altaneiro um horizonte de telhados. Depois jogaria água no guarda-roupa para engorgitá-lo num afogamento até a boca- e enfim, veria a madeira começar a apodrecer. Uma cólera inexplicável, mas que me vinha toda natural, me tomara: eu queria matar alguma coisa ali. (PSGH, 1988, p.44).

As funções instituintes do direito arquitetadas pela via imaginária da estética literária clariceana atualiza contemporaneamente os imaginários coletivos e refunda personagens femininos que traduzem arquétipos da vida. Ao darmos espaço à imaginação fundante do imaginário clariceano numa aproximação com os modos de

ser da vida. Clarice apresenta diante do leitor, a mulher G.H, revela valores burgueses dos quais encontra-se inserida.

Não, eu não arrumaria nada- se havia baratas,não.A nova empregada que dedicasse seu primeiro dia de serviço àquele escrínio empoeirado e vazio.(PSGH,1998,p.49)

O olhar oblíquo do inseto pontua o entrelaçamento da estética literária com o imaginário de direitos porque é por meio dessa característica que a filosofia do direito e a obra literária² se encontram no desdobramento entre narrativa e direito.A violência configurada no próprio ato de produção da escrita.No dizer de Levy apud Blanchot:“Escrever, nesse sentido,supõe a mudança radical de época- a própria morte, a interrupção(...) Escrever, desse ponto de vista,é a maior violência, pois transgride a Lei,toda lei, e sua própria lei.” (2011,p.25).

O cotidiano imerso na narrativa clariceana acontece a partir do estranhamento desse próprio mundo cotidiano questionando o universo habitual em que as coisas estão configuradas.A melancolia que a personagem vivencia sobre o mesmo das coisas é rompida pelo novo olhar cuja abertura se deve à ampliação dos horizontes instaurados a partir do processo hermenêutico onde G.H, a mulher imaginária de Clarice habita por completo.

4.O OLHAR OBLÍQUO DO INSETO.

O gosto das coisas como revela G.H se faz presente na intermitente alegria de sentir a vida fundada no dizer da ir-realidade das coisas. A vivência única e autêntica “pois o que eu estava vendo era o anterior ao humano” (PSGH,1988:85) .O conhecimento transita entre o neutro da vida que permeia o conhecimento imaginário do direito e o dar-se conta da realidade imaginária que a personagem e o leitor apreciam simbolicamente a ordem instauradora do discurso.

O constitutivo dessa ordem na narrativa clariceana não paira na certeza das coisas.A personagem informa que não entende o que diz e adora os seus gestos que são orientados pelo desejo de transgressão de instaurar uma outra ordem sob uma outra estrutura imaginária atravessadas uma pela outra que estariam sobrepostas e de formas diferenciadas levando ao leitor as relações entre estética literária realista e a

² Ost, François.Op.Cit,2005,p.26

hermenêutica. Então, toda transformação de sentido pelo qual a personagem transita entre o animal e o humano se constitui parte de uma id-entidade que está estabelecida na concretude do questionamento. O que está procurando G.H ? O que a personagem está tentando entender ? No final do livro, os travessões novamente aparecem indicando, finalizando a obra de arte literária clariceana num movimento transcendental e infinito. O que existe é a elaboração sobre o movimento e a passagem do finito para o infinito era isso o que estava vendo a própria personagem ao dizer ao leitor “pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano”. Ela estava vendo o neutro da vida.

Examinando a conduta de G.H , como ela se propõem resolver o problema da estrutura da ordem que é em si mesma uma indagação sobre a origem dos fundamentos da normatividade. Ela pede ao leitor que não retire dela essa mão imaginária, essa ponte com a concretude, porque o relato literário como toda literatura tende ao impossível, mas que “ não retires tua mão, mesmo que eu já sabia que encontrar tem que ser pelo caminho daquilo que somos, se eu conseguir não me afundar definitivamente naquilo que somos” (PSGH,1988,p.73). De certa forma, a tomada de posição sobre a existência do real dentro da consciência imaginária de uma estética literária aparece em todo o texto clariceano. A ideia de personagem amplia as condições de transcendência de um imaginário à outro imaginário dito de forma distintas porém vinculados pela linguagem.

O ambiente em que GH está situada é um estado de graça, um estado privilegiado da paixão, e o abandono de si mesma nesse estado resultaria na perda da segurança adquirida pela sensação de vida organizada.

Sei que se eu abandonar o que foi uma vida organizada pela esperança, sei que abandonar tudo isso- em prol de uma coisa mais ampla que é estar vivo- abandonar tudo isso dói como separar-se de um filho ainda não nascido. A esperança é um filho ainda não nascido, só prometido, e isso machuca. (PSGH,1988,p.147)

G.H, é a personagem central e está em todas as personagens, inclusive no inseto. A identificação com a linguagem e com o indizível “ é que eu não contei tudo.” preciso esquecer como todo mundo..” (PSGH,1988,p.162) surge dessa relação entre compreensão e faticidade e onde aparece o neutro da vida. Toda a narrativa está ponderada em partes e ao mesmo tempo como um capítulo segue outro capítulo encontra-se uma unidade como se tudo fizesse parte de uma mesma existência. Considerando que tudo faz parte de uma mesma existência, direito e literatura

se diferenciam pela forma expressa de racionalidades que assume níveis de interesses quanto à condição de cientificidade. A estética literária e a hermenêutica jurídica polarizam campos distintos de conhecimento mas se vinculam no campo contemporâneo do debate entre direito, arte e literatura.

5. CONCLUSÃO.

A experiência estética nos leva a perceber as relações intersubjetivas a partir das quais direito e literatura se entrelaçam pontuando a paixão como fundamento para a existência na narrativa da PSGH. Nesse sentido, a estética literária clariceana revela os modos que a personagem G.H experimenta o mundo através da sua relação com os objetos onde o sentido passa a ser dimensionado no seu aspecto existencial.

O fenômeno estético transparece no horizonte em que a personagem G.H. vivência suas angústias, problematiza a ordem e constitui um cenário privilegiado sobre o qual o leitor participa na experiência estética. A perspectiva sobre a qual a idéia de horizonte é construída pontua todo o viés interpretativo de caráter Gadameriano onde autor e leitor se encontram em um espaço determinado e a partir do qual o horizonte do leitor se expande alcançando uma fusão da experiência estética literária e a hermenêutica.

A compreensão da fusão de horizontes no âmbito da estética literária observa-se mediante o sentido que a linguagem adquire como ação provocadora dos personagens e a importância do lugar sobre o qual a personagem habita restitui o contato com a origem das coisas; o inumano. G.H afirma que “a carência vinha de que ela perdera o lado inumano..e a verdadeira prece é o mudo oratório inumano” (PSGH, 1988, p.161). O traço da intersubjetividade pontua a busca do sentido originário cujas referências da narrativa indicam esse cenário/ espaço onde os imaginários de direitos se encontram inseridos na estrutura estética da narrativa. A autora busca romper os limites do texto literário e ironicamente manifestar a indizibilidade da própria condição literária.

No texto de Clarice, o paradoxal confronto entre o animal e o humano, acentua a ficção possibilitando questionar através da presença estética do inseto a ausência da autenticidade na estrutura da ordem em que a personagem até então vinha dispor o seu desejo sobre as coisas. A partir da percepção dessa desestruturação interior vislumbrando o sentir como condição hermenêutica fundamental, a instabilidade causada na relação animal/humano e a instauração de uma estética da ausência como

conflito no habitar da linguagem nos leva a descobrir em meio à expressividade radiante de Clarice Lispector a consciência trans-individual que nos conduz a origem das coisas.

Esse estado de uma coisa a outra, do imaginário de direitos à literatura, da hermenêutica à estética literária dinamizam a construção da esperança como elemento que a personagem GH irá permitir-se sentir o gosto da identidade das coisas. “É muito difícil de sentir.(..) Até então meus sentidos viciados estavam mudos para o gosto das coisas.” (PSGH,1988,p.103). Desenvolver no imaginário de direitos o sentido estético do gosto em meio a uma vida conduzida pela normatividade é o desafio da PSGH. A arte literária que parece não fazer parte do mundo agora se faz a partir da rotina mais usual, da limpeza da casa, onde nada de extra-ordinário pareceria surgir, a personagem G.H. encontra-se com o limite do humano e procura um sentido no desejo violento de repúdio a um inseto que é a única “coisa” que lhe olha nos olhos, e que lhe devolve à intensa realização do mundo da vida.

A personagem ao imaginar as figuras do humano e do cão na parede do quarto da empregada Janair apresenta visões críticas do humano sendo a multifacetada manifestação das coisas o que a leva a uma hermenêutica do sentido. A dimensão poética do direito que ao compartilhar o texto literário é conduzido a reencontrar o sentido implícito das experiências num espaço estético da literatura clariceana. Clarice Lispector ultrapassa em GH a matéria viva onde a id-entidade é re-descoberta a partir do neutro vivo do inseto que olha obliquamente para ela e a desafia criticamente a realizar o seu desejo: A paixão (segundo G.H.).

Os atributos de G.H ou elementos que compõem a narrativa se edificam sob a experiência da linguagem. É na linguagem que a estrutura imaginária configura imagens da realidade sustentando as criações subjetivas da personagem na trajetória única da paixão. O transcurso de G.H torna-se também uma hipótese para a fuga ou libertação, uma via onde se pode alcançar o inanimado onde o olhar oblíquo do inseto capta a dimensão grotesca do humano e a seu desejo de transmutação.

A subjetividade inscrita na linguagem reveladora do “estranho” assume característica da narrativa clariceana. Não resta dúvida sobre o legado Clariceano ao trazer a dimensão corpórea ao sentido estético do grotesco realizando o que convencionou-se chamar de literatura carnalizada. A casa outrora ordenada a partir de um sistema hierárquico (patroa/empregada) agora se inverte quando G.H, a mulher burguesa, resolve diante de certo constrangimento limpar o quarto da empregada e

justifica seu exercício investigativo e pertinente pela procura do sentido. Os cantos da casa e o que nele de obscuro se encontra a reaproxima paradoxalmente da autenticidade contestando a origem e o fundamento da ordem no sistema patriarcal. Até que o inseto a reduz a uma única forma imaginária :a visão do anterior ao humano que corresponde a um instinto ou impulso criador. É assim que a imaginação do grotesco torna-se suporte estético para a manifestação da violência como também da esperança e do desejo atualizando o percurso crítico da razão. Nesse contexto, é necessário destacar o que resulta da ação da personagem numa narrativa construída requisitando a participação do leitor afirmando uma co-existência lógica entre a autora e os possíveis leitores de alma já formada. A intensidade dos sentidos da personagem, já exaustiva na percepção dos sentidos e a esperança como imagem dicotômica através da qual a personagem divaga de um estado a outro, configura a experiência estética no imaginário de direitos nas narrativa da *Paixão segundo G.H.*

REFERÊNCIAS

ADRIANY FERREIRA DE MENDONÇA, **O nascimento da filosofia a partir da arte: uma abordagem nietzchiana**, Tese, UERJ: Rio de Janeiro, 2005

ARMBRUSTER, Carol. **Hélène-Clarice: Nouvelle Voix**. Contemporary Literature XXIV.

AMARAL, Emília. **O leitor segundo G.H.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ALMEIDA, Joel Rosa de. **A experimentação do grotesco em Clarice Lispector: ensaios sobre literatura e pintura**. São Paulo: Nankhin editorial. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Barthes, Roland. **O grau zero da escrita: segredo de novos ensaios críticos**. Trad. Laranjeira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.175-176.

BILLIER, Jean-Cassien; MARYOLI, Aglaé. **História da filosofia do Direito**. Porto, Portugal: Manole. S.d.

BLOOM, Harold. **Onde encontrar a sabedoria**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

BARBOSA, Rogério Monteiro. In: **A narração e a descrição: uma análise do positivismo e do pós-positivismo a partir da literatura**. Disponível em: <www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/.../rogerio_monteiro_barbosa.pdf> Acesso em julho de 2010.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector: Des/fiando as teias da paixão**. Coleção Memória das letras, 8. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa de Tzevan Todorov. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERQUERIA, Nelson. **Hermenêutics and literature: a study of William Faulkner's I a lay Dying and Graciliano Ramos's vidas secas**. Trad. Yvenio Azevedo. Editora cara: Bahia, 2003.

CASTILLO, Debra A. **Talking Back: Toward a Latin American Feminist Literary Criticism**. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

CIXOUS, Hélène. **L'approche de Clarice Lispector**. Entre l'écriture. Paris: Des Femmes, 1986.

_____. **L'auteur en vérité**. L'heure de Clarice Lispector. Paris: Des Femmes, 1989.

_____. **Coming to writing and other essays**. Edited by Deborah Jenson. Translated by Sarah Cornell, Deborah Jenson, Ann Liddle, Susan Sellers. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

_____. [With Catherine Clement]. **The newly born woman**. Trans. B. Wing. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

_____. **Reading with Clarice Lispector**. Edited, translated and introduced by Verena Andermatt Conley. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

_____. **Le rire de la méduse**. L'Arc, no. 61 (1975).

_____. **Vivrel'orange**. L'heure de Clarice Lispector. Paris: Des Femmes, 1989.

CONLEY, Verena Andermatt. **Hélène Cixous: Writing the Feminine**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1984.

_____. **Introduction**. Readings with Clarice Lispector by Hélène Cixous. Edited, translated and introduced by Verena Andermatt Conley. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

DASTUR, Françoise. **Heidegger e a questão do tempo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p.40.

DUARTE, André; LOPREATO, Christina; MAGALHÃES, Marion Brepohl de (orgs.). **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

DUODA, **Revista de estudos feministas**, vol 7, 1994 e vol 28, 2005, Universitat de Barcelona.

DWORKIN, Ronald. **Uma questão de princípio**. Trad. Luis Carlos Borges. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FISHER, Claudine. **Hélène Cixous Window of Daring Through Clarice Lispector's Voice**. Continental Latin American and Francophone Women Writers. Edited by Eunice Myers and Ginette Adamson. Lanham: University Press of America, 1987.

FITZ, Earl. **Clarice Lispector**. Boston: Twayne Publishers, 1985.

FONTES, ANDRÉ R.C. Considerações fenomenológicas sobre o direito na crítica de Eugen Fink a Edmund Husserl. In: Fenomenologia e Direito. Vol.3. Número 2 .Outubro 2010/Março 2011. **Cadernos da Escola da Magistratura Regional Federal da 2. região-EMARF**, 2008.

FOUCAULT, MICHEL. **O pensamento exterior**. São Paulo: Princípio, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALLOP, Jane. **Around 1981 [Academic feminist literary theory]**. New York: Routledge, 1992.

GMEINER, Conceição Neves. **A morada do ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger**. São Paulo, Loloya, 1998.

GONZÁLEZ, Encarna Bodelón (comps). **Género y Dominación**. Barcelona, Antrophos, 2009.

GUBERT, Roberta Magalhães; NETO, Alfredo Copetti; **TRINDADE, André Karam. Direito e Literatura: reflexões teóricas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

GUERRAFILHO, Willis Santiago. **Teatranimalizando com Kafka**. Palestra apresentada no colóquio Inverão "O direito entre o animal e o ideal", 21 a 23 de julho 2011, Natal, RN.

_____, Willis. **Por uma poética do direito: Introdução a uma teoria imaginária do direito (e da totalidade)**. Revista panóptica. Ano 03, número 19, julho-outubro 2010.

_____, Willis Santiago. **Tese de doutorado. O conhecimento imaginário de direito**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GUIMARÃES, Aquiles Cortes. Para uma teoria fenomenológica do direito. In: Fenomenologia e Direito. Vol.3. Número 2 .Outubro 2010/Março 2011. **Cadernos da Escola da Magistratura Regional Federal da 2. região-EMARF**, 2008.

_____, Aquiles Cortes. O conceito de Mundo da Vida. Palestra apresentada no colóquio Inverão "O direito entre o animal e o ideal", 21 a 23 de julho 2011, Natal, RN.

HEGEL, G.W.F. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução: Norberto de Paula Lima. SP: Ícone, 1997.

HIRSCH, Marianne; KELLER, Evelyn Fox (editors). **Conflicts in feminism**. New York: Routledge, 1990.

JOHNSON, Barbara. **Apostrophe, animation and abortion.** A World of Difference. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.

ISAACSON, José. **La realidad metafísica de Franz Kafka.** Buenos Aires: Corregidor, 2005.

JAUSS, H.R. **Pequena apologia de La experiência estética.** Paidós, Barcelona 2001.

KANT, Immanuel. **Doutrina do Direito.** 2. ed. Tradução: Edson Bini, 1993.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A construção literária do sujeito moderno.** Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literaria-do-sujeito-moderno>>. Acesso em: julho 2010.

LAROSE, Jean. **Le temps d'une voix.** Études françaises, 17. p.3-4.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Edited by Benedito Nunes. São Paulo: Centrais Impressoras Brasileira Ltda., 1988.

_____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **The passion according to G.H.** Translated by Ronald W. Sousa. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MORA, **Revista del instituto interdisciplinario de estudios de género.** Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

MOI, Toril. **Sexual/textual politics.** New York: Methuen, 1985.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem.** Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

REUTER, Yves. **A análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração.** Trad. de Mario Pontes. 2.ed. RJ: DIFEL, 2007. p.32-35.

PORTANOVA, Rui. **Motivações ideológicas da sentença.** 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

PEIXOTO, Marta. **Passionate fictions: gender, narrative, and violence in Clarice Lispector.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

SARTRE, J-P. **A náusea.** 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

_____. **A imaginação: Sartre/Heidegger.** São Paulo: Abril, 1973.

_____. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

STEIN, Ernildo. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

STRECK, Lenio Luiz. **Verdade e consenso**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

SUAREZ, Rosana. Nietzsche: a arte em o nascimento da tragédia. Fenomenologia e Direito Vol.3. Número 2. Outubro 2010/Março 2011. **Cadernos da Escola da Magistratura Regional Federal da 2 .região-EMARF**, 2008.

TEDESCO, Ignacio F. **El acusado en el ritual judicial. Ficción e imagen cultural**. Editores del Puerto, Buenos Aires, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VIEIRA, Nelson H. **Jewish voices in Brazilian literature: a prophetic discourse of alterity**. Gainesville: University Press of Florida, 1995.

WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e pensamento em Hordelin e Heidegger**. São Paulo: Unesp, 2005. (34)

ZARCA, Y. **La otra vía de la subjetividad: seis estudios sobre el sujeto y el derecho natural en el siglo XVII**. Dykinson, Madrid 2006.